

Giulio Carlo Argan

De todas as correntes de vanguarda, animadas por propósitos revolucionários, a que se desenvolve na Rússia, nos primeiros trinta anos do século com o Raísmo, o Suprematismo e o Construtivismo é a única a se inserir numa tensão e, a seguir, numa realidade revolucionária concreta, e a cobrar explicitamente a função social da arte como uma questão política.

1.ª década: uma viva tendência modernista acompanha a revolta dos intelectuais contra o regime autocrático dos czares. É centrífuga e centripeta. O desenvolvimento industrial, por um lado em grande parte devido ao capital estrangeiro, determina uma aproximação crescente com a cultura ocidental, especialmente a de Munique e de Franco;

por outro lado, não podendo dispensar a contribuição dos trabalhadores, demanda o interesse dos intelectuais pelo povo, suas tradições, suas capacidades artísticas inatas.

A ponte com o ocidente europeu foi Burlak no primeiro década com relação a Paris e Munique; a seguir com os futuristas e especialmente Maïakovski.

Todos os grandes artistas russos (Kandinsky, Malevich, Peusner, Jabo, Tatlin, Chagall; e pode-se acrescentar o romeno Brancusi) começam numa vertente populista, anim se remetendo ao patrimônio icônico

e estilístico da antiga arte exata.

As próprias correntes do modernismo ocidental recebem uma vaga coloração ideológica; pelo simples fato de serem <sup>européias e</sup> modernas, anunciam um tom de protesto e, ao mesmo tempo, futurista.

A segunda década é a época dos movimentos organizados. O 1º é o raimo.

Instituto de arte contemporânea